

Os tabus linguísticos no romance Cascalho de Herberto Sales

The linguistic tabuses in the novel Cascalho by Herberto Sales

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v6i3.35108>

Antonio Marcos de Almeida Ribeiro

Tem mestrado em Estudos Linguísticos (2020) pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Especialização em Estudos Linguísticos e Filológicos (2017) pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus XIII). Graduado em Pedagogia (2004) e História (2013) pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus XIII). Professor de História da rede pública de ensino do Estado da Bahia. Tutor presencial de Pedagogia no Polo Itaberaba da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

E-mail: macribial@yahoo.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5763-1899>

RESUMO

Este estudo teve como objetivo selecionar e analisar 15 lexias envolvendo a sexualidade e seus tabus no romance *Cascalho* (2011), do escritor baiano Herberto Sales. Para isso, a discussão é guiada com trabalho já realizado de Ribeiro (2020), que estudou o léxico de *Cascalho* e delimitou um macrocampo com microcampos sobre a sexualidade da comunidade do garimpo. Usamos a metodologia dos campos lexicais preconizado por Coseriu (1977), que procede em fazer uma listagem dessas 15 lexias e apresentá-las com as perspectivas de embasamento teórico metodológico nos pressupostos de Freud (2013), Foucault (1988), Preti (1983), Guérios (1979), que abordam sobre tabu. Para os saberes de Lexicografia e Lexicologia contamos com os trabalhos de Borba (2003), Welker (2004) e Barros (2004), além de outros autores. O vocabulário da sexualidade com seu tabu linguístico constatou uma historicidade linguística da trajetória dos garimpeiros da Chapada Diamantina, que deixa transparecer por seu léxico seus valores, crenças, hábitos e costumes. A sexualidade está vinculada ao tabu como comportamento humano relacionado às questões sócio antropológico que tratam o sexo como pecaminoso ou sujo e isso é refletido na língua. As formações lexicais são construções que obedecem às necessidades dos falantes, e dentro desse espectro linguístico está o léxico obsceno de cunho sexual, considerado tabu por convenções sociais e abono cultural. A riqueza lexical de vocábulo tabuísta encontrada na região, por meio da obra literária, possui carga sociocultural que revela perfis identitários relacionados ao modo de vida do garimpo da Chapada Diamantina na Bahia.

Palavras-chave: Léxico. Tabus linguísticos. Sexualidade. *Cascalho*. Herberto Sales.

ABSTRACT

This study aimed to select and analyze 15 lexias involving sexuality and its taboos in the novel *Cascalho* (2011), by the Bahian writer Herberto Sales. For this, the discussion is guided by work already done by Ribeiro (2020), who studied the lexicon of *Cascalho* and delimited a macro-field with micro-fields about the sexuality of the mining community. We use the lexical field methodology recommended by Coseriu (1977), who proceeds to make a list of these 15 lexias and present them with the perspectives of theoretical and methodological basis in the assumptions of Freud (2013), Foucault (1988), Preti (1983), Guérios (1979), who discuss taboo. For the knowledge of Lexicography and Lexicology we have the works of Borba (2003), Welker (2004) and Barros (2004), in addition to other authors. The vocabulary of sexuality with its linguistic taboo evidenced a linguistic historicity of the trajectory of the miners of Chapada Diamantina, which reveals its values, beliefs, habits and customs through its lexicon. Sexuality is linked to taboo as human behavior related to socio-

anthropological issues that treat sex as sinful or dirty and this is reflected in the language. Lexical formations are constructions that obey the needs of speakers, and within this linguistic spectrum is the obscene lexicon of a sexual nature, considered taboo by social conventions and cultural allowance. The lexical richness of the taboo word found in the region, through literary work, has a sociocultural load that reveals identity profiles related to the way of life of the Chapada Diamantina mining in Bahia.

Keywords: Lexicon. Linguistic taboos. Sexuality. *Cascalho*. Herberto Sales.

Introdução

O léxico de uma comunidade dá testemunho de sua história, refletindo os diferentes momentos da vida na comunidade exprimindo uma visão particular de mundo. Constitui um acervo que evidencia a heterogeneidade linguística daquele lugar, o que reflete os valores, as crenças, os costumes em cada pormenor conservando a história cultural por meio da linguagem. Qualquer sociedade possui cultura complexa em seu sistema de elaboração da mediatização com o mundo, e cada sistema de linguagem é bem-ordenado, estruturado e necessário àquela comunidade específica, sendo o seu léxico reflexo da sociedade e cultura.

Sendo assim, o repertório vocabular vai sendo construído em sucessivas gerações, como um patrimônio abstrato herdado e transmitido paulatinamente. O acervo aumenta à medida que se ampliam as inovações tecnológicas, a comunidade se desenvolve incorporando palavras, descartando outras defasadas de acordo com a necessidade dos falantes. Nesse avanço há um entrelaçamento entre linguagem, cultura e sociedade que atuam na realidade social. O acervo lexical de uma comunidade é transmitido por vários meios, quer sejam formais ou informais, sendo o conjunto de emblemas e termos da sociedade mediatizada pela cultura, são a conceptualização de um conjunto de representações mentalizadas que registram o universo particular daquela sociedade. Por meio do léxico, consegue-se chegar mais perto da compreensão do modo de vida de um povo.

Queremos dizer com isso, que, quando uma sociedade domina o meio natural, utiliza-se de um repertório linguístico para nomear seu entorno, via o plexo entre língua, cultura e sociedade. A cultura diferencia as sociedades uma das outras por meio das diversas formas de pensar e conceber a realidade, podendo existir diversidade cultural em ambientes geográficos semelhantes, nas manifestações nas artes, nas técnicas, na religiosidade, nas tradições e nas vestimentas. Essas variedades culturais também são refletidas na língua. Nessa dinâmica de incorporar palavras ou nomear um mesmo conceito é considerado como variante lexical. Por meio da linguagem se introjeta percepções de mundo, crenças, hábitos o que reflete em um aspecto linguístico que todas as sociedades possuem: as palavras tabus.

Segundo o dicionário Houaiss (2009), tabu é a “interdição cultural e/ou religiosa quanto a determinado uso, comportamento, gesto ou linguagem” e tem como exemplo os “temas sexuais”. Um acervo lexical revela percepções de mundo, tradições religiosas e crenças estabelecidas causadoras de tabus linguísticos, a proibição é imposta por uma medida protetora via costume social por respeito ou pudor. Ademais, a lexia *tabu* e sua conceituação são utilizadas nas áreas filosóficas, sociológicas, antropológicas, linguísticas e psicanalítica. Estabelecendo discussões e pesquisas abordando as sociedades relacionadas com proposições que tratam de religião, de estilo de vida, dos costumes, da

sexualidade entre outras temáticas. O conceito de natureza tabuística decorre de uma construção histórica disseminada na sociedade que incorre em manifestações arraigadas no seio social. O tabu está inserido em todo tecido da sociedade, inclusive no léxico, e no presente estudo relacionado a lexias da sexualidade quanto ao uso e emprego pelos garimpeiros no romance *Cascalho* (2011). Dessa forma, os tabus linguísticos de temática sexual, aqui estudados, estabelecem ligação com uma tradição judaico-cristã, que historicamente construiu-se por um discurso associado ao profano, ao pecado, ao obsceno e consequentemente proibido, causando polêmica dentro dos padrões impostos.

À vista disso, por meio deste trabalho, objetivamos selecionar e analisar no romance *Cascalho* (2011), do escritor baiano Herberto Sales, lexias envolvendo a sexualidade e seus tabus. Sobretudo, observando o recurso da substituição utilizando figuras de linguagem como disfemismo, eufemismo e metonímia, ao reportar aos órgãos sexuais, a exemplo, a metonímia, que se troca a unidade lexical por outra, como geralmente acontece. Este trabalho tem por base a dissertação de mestrado do programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, com título: *Diamantes lexicais: garimpando o vocabulário do romance Cascalho de Herberto Sales*, defendida em 2020, que versa sobre o léxico da Chapada Diamantina na Bahia, considerando e problematizando sobre os atravessamentos da linguagem enquanto reflexo da cultura e sociedade.

1. Um romance sobre a Chapada Diamantina

Antes de delimitarmos esses tabus linguísticos da obra *Cascalho* (SALES, 2011) se faz necessário conhecer de forma breve sobre o romance. Assim, dentre as obras regionalistas baianas, existe uma bibliografia temática da Chapada Diamantina como apresentado por Cerqueira (2018), embora com uma produção bastante restrita, poucos títulos, mas bastante significativos no espectro da literatura brasileira. Essas publicações abrangem a geografia do lugar, que na atualidade se destaca pelo ecoturismo. Desse modo, a região é descortinada evocando como temática recorrente o garimpo e a paisagem. Esse conjunto de obras com características essencialmente “chapadeiras” possui as expressões próprias, a maneira de viver, de sentir os usos e costumes do lugar. Sobretudo, passamos a conhecer a linguagem da região. Assim, se destaca a obra *Cascalho* (2011) de Herberto Sales, com a descrição socioeconômica da vida no garimpo.

A Chapada Diamantina ou Lavras Diamantinas se disporia de quatro cidades importantes que, juntas, formavam o chamado quadrilátero diamantífero que eram: Mucugê (Outrora Santa Isabel do Paraguaçu), Lençóis, Andaraí e Palmeiras (Outrora Vila Bela das Palmeiras) (SALES, 1955). Aquelas comunidades garimpeiras estavam bem estabelecidas e a indústria diamantífera era considerada uma atividade de grande relevância internacional. Lençóis ficou conhecida como a capital dos diamantes e

umas das mais importantes cidades da Bahia, sendo produtora mundial naquele momento. São cidades que foram povoadas por massas migratórias de toda parte do Brasil na busca da riqueza fácil. A sociedade possuía uma formação cultural e linguística com as marcas da extração mineral. Abreu (1975, p. 105), geólogo dedicado à mineralogia, percebia bem essa faceta linguística da região quando disse: “Usa-se, nas lavras de diamantes, uma nomenclatura especial, introduzida pelos trabalhadores dos séculos passados, e ainda tradicionalmente conservada”.

Com isso, Herberto Sales era um observador atento da vida social, e descortinou com riqueza de detalhes o cotidiano de uma cidade diamantífera em seu romance *Cascalho* (SALES, 2011). Por pequenos enredos, informou sobre as relações de trabalho, as relações sociais, as ocupações urbanas e rurais, as atividades da feira, a fauna e a flora peculiar das lavras. Discorreu sobre as várias problematizações que giravam em torno do garimpo de diamantes. O romance *Cascalho* constitui uma “janela” da Chapada Diamantina, pela qual vemos a sociedade do garimpo em nua e crua exploração. As várias representações de seus personagens, bem como a crítica social, a natureza e a denúncia em relação à vida dos garimpeiros.

Dessa forma, a literatura inaugural de Herberto Sales, lançada em 1944, torna-se um documento, retrato de uma época. Seu romance revela o *modus vivendi* daquela comunidade, tudo e todos se relacionando em torno das lavras diamantíferas, que regiam muitas vidas humanas de várias gerações. A obra é narrada a partir de uma estética sobre as relações ideológicas, políticas e culturais, e sobre a ordem coronelista de uma região que transcende ao tempo real.

A obra *Cascalho* tem bases de uma linguagem regional/popular, Sales (2011) descortinou a “alma vocabular garimpeira” revelando uma identidade linguística peculiar àquela região. Por um português de base regional/popular demonstrado nas inovações lexicais registradas no romance. *Cascalho* (SALES, 2011) comporta uma oralidade fazendo a transposição dos falares populares para a linguagem literária. As expressões estão fundadas na tradição oral, sendo uma expressividade advinda do entrecruzamento da língua, da cultura, e da sociedade associadas ao legado do garimpo. Ou seja, esses neologismos atendem a uma necessidade prática da comunidade ante o contexto sociocultural. O autor de *Cascalho* (SALES, 2011) circunscreveu por sua obra inaugural, dando atenção ao léxico do garimpo, aproximando-se de sua comunidade, explorando o tesouro vocabular de sua região. Apropria-se da oralidade de pessoas reais transportando para o seu romance singularidades linguísticas que culminaram em uma obra de êxito e referencial para muitos estudos em outras áreas e no presente trabalho com enfoque linguístico.

2. A formação do léxico na comunidade

Convém ressaltar como esse léxico é concebido e quais são os fatores de produção lexical desenvolvido na sociedade do garimpo. Sendo assim, a composição da língua perpassa pelo entrelaçamento entre a cultura e a sociedade como pressuposto do ato de nomeação da realidade. Cada comunidade humana, por processo criativo linguístico, seguindo seus protocolos de comunicação, elabora designações para o ambiente físico em seu grupo social. Nessa dinâmica, lexias podem surgir, desaparecer e reaparecer com novos sentidos. O léxico obedece, na linguagem de Vilela (1995, p. 17), “[...] a condicionamentos econômicos, culturais e históricos [...]” com criações metafóricas, metonímicas, sinédoques, eufemismos, disfemismo, importação de lexias, recuperação de lexias antigas, e criação de outras. A lexia assume uma atribuição, por “papeis” ou atos comunicativos, obedecendo a um “[...] conjunto de direitos e deveres recíprocos que são reconhecidos implicitamente por todos os componentes de uma dada comunidade linguística e atribuídos a uma determinada função social [...]” (VILELA, 1995, p. 23).

Considerando que uma língua natural faz parte da cultura de uma sociedade, refletida especialmente em seu idioma, os estudos por base no léxico há de considerar a estrita relação entre língua, cultura e sociedade. Dessa maneira, a experiência sociocultural mediatizada possui relação direta com o léxico. A relação sociocultural reflete na linguagem criando representações daquele universo em particular em dada comunidade. O universo sociocultural está implícito na língua, as visões de mundo, as vivências, as formas de pensar e refletir sobre a vida desses garimpeiros. A linguagem do garimpo reúne um conjunto de características identitárias de uma comunidade que partilha de marcas linguísticas particulares. Assim, essa peculiaridade possui carga sociocultural muito forte relacionada ao modo de vida do garimpo conhecido por meio da linguagem. A língua torna-se intermediária no ato de conhecer o ambiente físico, formando uma “memória léxica”.

O léxico reflete com nitidez as visões de mundo de uma comunidade. Por sua vez, Vilela (1995, p. 13) considera que o “[...] léxico é, numa perspectiva cognitivo-representativa, a codificação da realidade extralinguística interiorizada no saber de uma dada comunidade”, essa representatividade está elencada por um conjunto de palavras partilhado social e culturalmente. A conexão entre cultura e identidade relacionadas ao léxico estão dispostas ao alcançar todas as esferas da atividade humana, como diz Baldinger (1966, p. 42): “[...] a história da língua se converte em história da cultura. A história da língua passa a ser uma ciência auxiliar da história, e com isso fica emoldurada pela história do homem [...]”, pois “[...] todo conhecimento do universo é transferido para o léxico” (BIDERMAN, 1998, p. 19). Em outras palavras, a língua está relacionada com a cultura, ao criar os laços de identidade via convívio social.

Assim, as formações lexicais incorporadas para atender à comunidade são construções que obedecem às necessidades dos falantes de um determinado lugar. Com isso, dentro desse espectro linguístico está o léxico obsceno de cunho sexual considerado tabu por convenções sociais e abono cultural. As lexias envoltas em sexualidade são consideradas como tabu por uma construção histórica de um discurso puritano, controlado pelas instituições, o que inclui a Igreja em vigilância, interdição e censura (FOUCAULT, 1988, p. 40). As lexias do campo sexual sofrem restrição de circulação, apagamentos, disfemismos, eufemismos por modificação com outra designação que não cause constrangimento ou pudor. Nesse caso a lexia está marcada como tabu, e existem restrições ao pronunciá-la.

3. A linguagem proibida

Convém ressaltar que o tabu, do ponto de vista sócio antropológico, se estabelece no meio social, a partir das relações que são construídas na comunidade. Assim, o tabu configura-se como patrimônio cultural em que os membros da sociedade por meio da cultura, usos e costumes compartilham das mesmas crenças e valores. Com isso, os tabus possuem várias representações temporárias ou permanentes envolvendo restrições religiosas, sobrenaturais, alimentares, comportamentais etc. O contrato social estabelecido por uma sociedade formula suas práticas, as compartilham e as têm como regras. Isto posto, o tabu é um elemento que acompanha a humanidade desde os seus primórdios.

O conceito de tabu é polissêmico, sendo tratado por diversas disciplinas acadêmicas, como já explicitadas, o que em linhas gerais, abona um comportamento em se evitar lugares, objetos, pessoas e palavras, foi observado pela primeira vez nas ilhas da Polinésia, na língua daquele lugar como *tapu*, que no vernáculo português temos como tabu, com conotação do sagrado/proibido. Segundo Guérios (1979, p. 1), o conceito de tabu é bem abrangente, existindo restrições em vários aspectos, no qual aponta que,

Vem a ser a abstenção ou proibição de pegar, matar, comer, ver, dizer qualquer coisa sagrada ou temida. Cometendo-se tais, atos ficam sujeitos à desgraça a coletividade, a família ou indivíduo. Assim, existem objetos-tabus, que não se devem ser tocados; lugares-tabus, que não devem ser pisados ou apenas que não se deve avizinhar; ações-tabu, que não devem ser praticadas; e palavras-tabu, que não devem ser proferidas. Além disso, há pessoas-tabu e situações ou estados-tabu.

Freud (2013), pela psicanálise, explica que os tabus possuem raízes que desconhecemos em suas origens, mas que está entre os vestígios da mentalidade ancestral, nos usos e costumes em cada um de nós. Quanto à etimologia da palavra, existem várias versões que tentam rastrear até as línguas mais

antigas. O sentido cabal “está ligado à ideia de algo reservado, exprime-se proibições e restrições, essencialmente” (FREUD, 2013, p. 12), a sociedade que a cultiva assume a punição de seus infratores por sanções sociais, como pessoa imoral, obscena, vulgar, dentre outras aqui citadas. No caso do tabu linguístico, o indivíduo fica estigmatizado por quebra dos usos e costumes estabelecidos socialmente. Por outro lado, o tabu possui um poder fundamentado em si mesmo, a coerção vem ao indivíduo que conscientemente conhece quais são os seus limites e que, ao transpô-los está ciente de sua transgressão.

A linguagem proibida ou tabu linguístico recai essencialmente em lexias de cunho sexual. Segundo Foucault (1988), a sexualidade na sociedade Ocidental foi escamoteada em pudores, que alcançaram o “sexo-discurso” estabelecendo um silêncio entre falantes que tocam no assunto, o que configurou em uma política dos costumes na língua, restringindo tudo o que toca a palavra no universo do sexo, para Foucault (1988, p. 20-21),

Talvez, tenha havido uma depuração – bastante rigorosa – do vocabulário autorizado. Pode ser que se tenha codificado toda uma retórica da alusão e da metáfora. Novas regras de decência, sem dúvida alguma, filtraram as palavras: polícia dos enunciados. Controle também das enunciações: definiu-se de maneira muito mais estrita onde e quando não era possível falar dele; em que situações, entre quais locutores, e em que relações sociais; estabeleceram-se, assim, regiões, senão de silêncio absoluto, pelo menos de tato e discrição: entre pais e filhos, por exemplo, ou educadores e alunos, patrões e serviçais. É quase certo ter havido aí toda uma economia restritiva. Ela se integra nessa política da língua e da palavra — espontânea por um lado e deliberada por outro — que acompanhou as redistribuições sociais da época clássica.

Esse constructo histórico, com discussões de caráter multidisciplinar, foi desenvolvido à medida que se expandia o cristianismo no mundo, apesar de que vivemos em uma sociedade com uma intensificação dos discursos do sexo, quebra de pudores, um falar cada vez mais desinibido sobre sexo, ainda assim a discrição é tomada como recomendação. A língua ainda é policiada por uma linguagem que depura de forma a não mencionar diretamente tudo que toca a sexualidade. O crivo do puritanismo da palavra, com interdição e a orientação de se ter decência ao pronunciar certas expressões estão alicerçadas nesses moldes.

Por conseguinte, a sujeição que venha ter é de um cabedal de lexias serem moralmente aceitáveis quando elas são proferidas de forma técnica e em ambientes que o permitam. Assim, tivemos a aparelhagem do sexo realizado pela espiritualidade cristã na sociedade, fazendo instalar dispositivos de censura através do tempo, o que são mecanismos de poder e controle segundo episteme de Foucault (1988), criando uma mentalidade tabuísta em relação à sexualidade e ao discurso do sexo. Sendo assim, os preceitos negativos dos tabus incluídos na esfera linguística, são desde os que não se podem proferir, por considerar “palavrão”, aos que são de cunho impróprio para se falar em público por questão de moralidade.

Os postulados de Guérios (1979) e Preti (1983), dentro da questão linguística, abordam sobre os tabus que recaem na linguagem, e o discurso do proibido, com restrições que atuam como impeditivos ao se falar em público, em certos grupos sociais, ou considerados, grosseria, violação, imoralidade e obscenidade. Essa restrição possui uma autoridade e força de coação devido a um histórico sociocultural, que influenciam nos comportamentos e falares como já apontado.

Desse modo, o tabu desempenha um papel reflexo do punitivo no olhar sociológico, ou seja, violação de um contrato social que censura o falar em público tais palavras. Por isso, existem tabus linguísticos próprios e impróprios como assevera Guérios (1979), o tabu linguístico próprio é a proibição de dizer a palavra tabu das esferas sobrenaturais que traga agouro; e tabu linguístico impróprio são as pronunciadas de forma vulgar ou imoral. Além disso, ainda informa em outra classificação os tabuísmos incluindo os tabus para membros do corpo humano, que recaí de alguma forma na sexualidade já que alguns membros do corpo, o das partes íntimas ou genitálias, possui essa relação com a sexualidade.

Essas formas linguísticas são estigmatizadas, sendo condenadas pelos padrões sociais como ressaltado nos estudos de Preti (1983). Por conseguinte, os tabus sobre a sexualidade torna-se muito mais polêmicos, tratados com reserva e em alguns termos são recebidos com ironia, gargalhada e risos. Observe esse diálogo extraído do romance *Cascalho* (2011) (com grifos nossos):

- No garimpo — concordou outro garimpeiro — é onde o pobre está mesmo sujeito a ficar rico de uma hora pra outra.
 - Não vê o caso de seu Teotônio? — lembrou outro.
 - Pois é — conveio o primeiro. — Aqui, de qualquer forma, o dinheiro corre frouxo. No sertão ele é amarrado. Silvério estava sentindo-se cada vez mais deslocado no grupo.
 - É como eu já disse — voltou a falar Filó Finança. — No garimpo, apesar de todos os inconvenientes, o pobre está arriscado a **pegar** em dinheiro depressa. E depois de aspirar demoradamente a fumaça do cigarro, saboreando o bom fumo de três cordas, esboçou um sorriso e concluiu, dirigindo-se a Silvério:
 - Já na roça, vocês **pegam** eu sei em que é... Alguns garimpeiros compreenderam logo o duplo sentido da frase e começaram a rir. Mas Filó, não se satisfazendo com o efeito da pilhéria, recorreu a uma expressão de gíria:
 - Lá vocês **pegam** é em **joaquim-madrugada**...
- Então não houve ninguém que não risse. Foi uma gargalhada geral (SALES, p. 75).

Nesse extrato, demonstramos os recursos utilizados pelos falantes desse tabuísmo, os quais são para não pronunciar o termo tido como correto cientificamente, na forma do português da norma padrão. Os interlocutores, em conversa informal, por meios indiretos e dissimulados fazem entender entre eles por outra lexia para exprimir o termo “pênis”. As partes genitais são fortemente tabuizadas em nossa sociedade tanto atual, como a pretérita, no caso na temporalidade do romance que é a primeira

metade do século XX. Assim, os atos e relatos são velados por metáforas. A sexualidade e seu discurso são vistos como tabus e reservas carregando em si uma tradição de restrição que atravessa gerações.

“Joaquim-madrugada” é uma unidade lexical para pênis, o que é uma linguagem específica para aqueles garimpeiros. Essa lexia pertence a um campo semântico em que os vocábulos são substituídos, como no exemplo. Assim, não só um comportamento, mas uma esfera linguística ao se tratar dos temas eróticos e sexuais oriundos dos juízos de valores que circulam naquela sociedade. Com isso, demarcamos um vocábulo obsceno, que emerge da linguagem popular, por se tratar de substituições das lexias consideradas padrões e politicamente corretas por outras classificadas como tabus linguísticos.

Esse fenômeno não só acontece com pessoas das classes populares, mas também com as consideradas instruídas. Dessa forma, as lexias em alguns contextos são evitadas, não são pronunciadas, quando necessário abordar. Somente em último caso, a classe instruída exprime pelo nome científico e em situações informais por lexias consideradas vulgares. Entre as classes, observadas no romance, comumente há circulação de termos vulgares ou pejorativos. Naquela época não existia uma liberdade verbal como vemos atualmente, porém existiam, regras de decência na linguagem e do bem falar emprestados, disseminados por inspiração puritana que colocava limites e fronteiras na linguagem familiar e oficial. Apesar disso, o que ocorre no *corpus* em estudo são os usos de disfemismo, com emprego deliberado de termos considerados “chulos” ou a vulgarização da lexia, como exemplo, ao expressar “toba” em vez de “ânus”. Por outro lado, Guérios (1979, p. 19) diz que “a palavra tabu é que é para temer e não outra, embora se agrave a expressão”, ou seja, a comunidade do garimpo prefere pronunciar “trepar” ao invés de “copular”. Livrando-se do desconforto de pronunciar “fazer sexo”, o que provoca uma sensação de incômodo, em outras situações de humor. Os falantes mais polidos da classe culta preferem um termo neutro, menos tabuizado como “ter relações sexuais” evitando as expressões populares.

Já no eufemismo se revela a prudência e o pudor nas lexias para suavizar a conotação tabuística, atenuando e moderando os falares ao se retirar a carga tabuística. Por isso, seu entendimento é determinado pelo contexto. No caso, ao invés de os garimpeiros falarem “pênis”, considerando um tabu para eles, utiliza “Joaquim-madrugada” ou “bico de candeeiro”, além de outros termos, mas só entendemos a que se refere a partir do contexto na enunciação, pois, seu entendimento está velado por uma indireta. Portanto, disfemismos e eufemismos são recursos de estilo linguístico, como estratégias de substituição de lexias que um falante não queira pronunciar.

Assim, disfemismos e eufemismos são importantes na análise de compreensão do léxico do garimpo. Ao que recai conseqüentemente na pragmática dentro do fenômeno conversacional de processos psico-associativos relacionados às motivações, o qual não iremos aprofundar nessa área extralinguística.

4. A listagem tabuízada da sexualidade e do corpo

O léxico da sexualidade do romance *Cascalho* de Herberto Sales (2011) espelha uma dinâmica social pautada nos tabus referentes às partes do corpo e sexualidade. O objetivo estabelecido foi, a partir do vocabulário da obra *Cascalho* (SALES, 2011), investigar as palavras tabus do romance. Para isso, contamos com um trabalho já realizado de Ribeiro (2020), que estudou o léxico de *Cascalho* e delimitou um macrocampo com microcampos sobre a sexualidade. Dessa maneira, utilizamos a metodologia dos campos lexicais preconizado por Coseriu (1977), que procedeu em fazer uma listagem dessas lexias e analisá-las como lexia pertencente a um grupo específico e com circularidade restrita à região da Chapada Diamantina.

Conquanto, contamos com o embasamento teórico-metodológico de autores da Lexicografia, auxiliado com dicionários de diversas épocas para constatar em como aparecem nesses dicionários. Encontram-se elencados os critérios tomados, no que dizem respeito aos aspectos da estrutura e montagem do glossário e dos campos lexicais. Os posicionamentos tomados estão ancorados em saberes lexicográficos de Borba (2003), Welker (2004) e Barros (2004). Para as definições nas entradas, foram consultados os seguintes dicionários: Dicionário da Língua Portuguesa de Moraes Silva (1890), Novo dicionário da Língua Portuguesa de Cândido Figueiredo (1913), Houaiss eletrônico (2009), são obras de três épocas distintas para fins de comparação do presente estudo.

Assim sendo, na língua as palavras são prolongamentos da cultura do tabu, aquilo que é proibido nos comportamentos, nos objetos estende-se para a esfera linguística. Os tabus aqui relacionados referem-se às expressões consideradas de cunho imoral ou grosseira para se falar em público, estando correlacionados à esfera da linguística tabuísta. Não iremos discutir as motivações e o surgimento dessas lexias, a intenção aqui é fazer um inventário desses vocábulos, torná-los conhecidos através das delimitações dos tabus linguísticos existentes em como aparecem no romance.

Dessa maneira, podemos constatar os aspectos sociais e os valores morais do comportamento erótico-sexual da comunidade do garimpo, e de como seus integrantes percebem seus corpos. Essa estrutura lexical reflete uma classificação linguística das mediações sociais referentes ao corpo e à sexualidade. As expressões estão relativamente dentro de um contexto cultural do corpo e da sexualidade. Desta maneira, as palavras assumem significados diversos de acordo com o contexto de uso. As variantes das genitálias (bico de candeeiro, Joaquim-madrugada etc.), o ato sexual (descarregar o corpo, trepar etc.), entre outras são concebidas como tabuísmos, entendido que tais lexias possuem um pudor quanto ao serem pronunciadas. Apesar dos tabus existentes, em razão do chamado “bons costumes” e da moral e por serem rotulados de palavras vulgares ou impróprias, estão presentes na boca dos sujeitos da sociedade garimpeira. Aqui selecionamos aquelas lexias que mais condizem com

os tabuísmos em estudo, entrando também os aspectos das relações afetivas e relacionais entre indivíduos.

MICROCAMPO DAS PARTES DO CORPO

BOSTA – s. f. Fezes.

“A casa para a qual ele se dirigia ficava na Rua do Sapo, onde não tardou a chegar. O gerente Alípio veio recebê-lo com o candeeiro na mão. Ele entrou e expôs em todos os seus detalhes o ocorrido. O dono da casa, em mangas de camisa, ouviu a história em silêncio, indo da curiosidade ao espanto, e do espanto à revolta. — Como é que se manda um pai de família lavar **bosta!** — exclamou” (SALES, 2011, p. 135).

BUNDA – s. m. Glúteos; Nádega.

“O povo se comprime corno sardinha em lata. Já pisaram até no pé de urna velha que vinha descalça cumprindo urna promessa. Está perigando! E capaz de virar fregue, como aconteceu naquela vez que deram um beliscão na **bunda** da amásia de um inspetor. A propósito, o delegado vem ao lado de seis ou oito policiadores com armas curtas mal disfarçadas — reparando, para ver se pega com a boca na botija algum sujeito que queira abusar, tirar proveito da ocasião” (SALES, 2011, p. 263).

MIJAR – v. Urinar.

“— Bem. Com seu Teotônio eu sabia que a coisa era fácil. Mas a gente precisa ter cuidado com ele. Aquele camarada ensina treita a jumento. Zé de Peixoto sorriu com ar de mofa: — Com seu Teotônio eu faço é como meu pai fez com seu Aurino. **Mijo** no chapéu dele.

Peba deu uma formidável gargalhada” (SALES, 2011, p. 67).

RABO DE JUÍZO – exp. pop. Nádegas; traseiro; bunda.

“Depois a gente vai buscar Silvério no Ribimba: o porre de hoje vai ser por conta dele. —Parou de repente e acrescentou. — Mas que **rabo de juízo** tem aquela Helena! — Eu gastei foi meu dinheiro todo — insistiu Neco. — Precisamos descobrir uma frente de serviço rica” (SALES, 2011, p. 260).

TOBA – s. m. Ânus.

“Ora, vá tomar no **toba**! Tire um pedaço daquela carne de dois pelos dos Campos de São João, e meta no espeto pra mim” (SALES, 2011, p. 104).

MICROCAMPO DOS ÓRGÃOS SEXUAIS

BICO DE CANDEEIRO – loc. subst. Referência ao pênis.

“Olhando-o de banda, Peba julgou ser urna manifestação de esperteza o ar concentrado do companheiro, e, sem que pudesse evitar, associou-o de repente a todos aqueles patizeiros que eram mestres em roubo de diamantes, sobretudo quando trabalhavam de alugados, escondendo pedras na areia do corte, na costura dos calções ou nas dobras dos cintos, e até mesmo na glândula do pênis, quando estes eram do tipo **bico de candeeiro**. Sim, era preciso estar vigilante, não o deixar à vontade, estar atento e observá-lo” (SALES, 2011, p. 126).

JOAQUIM-MADRUGADA – exp. pop. Pênis.

“— Já na roça, vocês pegam eu sei em que é... Alguns garimpeiros compreenderam logo o duplo sentido da frase e começaram a rir. Mas Filó, não se satisfazendo com o efeito da pilhéria, recorreu a uma expressão de gíria: — Lá vocês pegam é em **Joaquim-madrugada**... Então não teve ninguém que não risse. Foi uma gargalhada geral Silvério agora estava só dentro do rancho. Os outros garimpeiros tinham descido para a cidade, foram dar um giro pelas vendas” (SALES, 2011, p. 75).

PÉ-DE-TABAQUEIRA – s. f. Vagina.

“— De qualquer maneira — conveio Neco — ele passa melhor do que a gente. Tem a sua costela certa toda noite, o seu **pé-de-tabaqueira** que não falha. — E a quem é que os gringos vendem? — perguntou de repente Silvério, cuja palestra interrompida o interessava particularmente” (SALES, 2011, p. 218).

QUIMBAS – s. m. Testículos. Palavra apenas utilizada no plural.

“Certa noite, depois de terem os garimpeiros falado de um cabra valente que urinara no chapéu de seu Aurino, o maior comprador de diamantes de Xique-Xique, um homem voltou-se para ele e lhe disse

que o tal cabra tinha sido seu pai. — Era seu pai, Zezinho. Um macho inteirado, de quatro **quimbas**. Ele ficara entusiasmado com a história daquele homem destemido” (SALES, 2011, p. 46).

MICROCAMPO DAS DOENÇAS SEXUAIS

DOENÇA DE RUA – loc. subst. Doença sexualmente transmitida.

“— Sinhá do Ouro, eu estou até com vergonha. Mas o diabo deste menino pegou uma **doença de rua** e eu quero que a senhora trate dele. A boa mulher não regateou os seus serviços. Disse ao menino: — Olhe, meu filho, você pegue uma lagartixa, dê a sua mãe pra torrar, com tripas e tudo, e depois moa bem moída, até virar pó. Depois bote o pó num quarto de cachaça, mexa bem mexido e beba” (SALES, 2011, p. 78).

MICROCAMPO DAS RELAÇÕES ÍNTIMAS AFETIVAS

DESCABAÇAR – v. Desvirginar, deflorar.

“O caso de José Alves pode servir de exemplo. A semana passada, tiraram uma filha dele de casa, e ele foi se queixar ao coronel na São Pedro. Sabe o que o coronel disse a ele? Perguntou: "Você não tem arma não?". José Alves respondeu que não tinha. Então o coronel disse: "Pois tome esta repetição, mas me devolva, ouviu? e dê um tiro na cara de quem **descabaçou** sua filha” (SALES, 2011, p. 137).

DESCARREGAR O CORPO – exp. pop. Copular; Ter relação sexual.

“— Ora, Vita! você por si já é mulher pra botar qualquer homem doido... A negra envaideceu-se: — Ainda bem que você sabe disso. Filó pensou: “Ah, sujeita besta! Você só presta mesmo pra gente **descarregar o corpo**”. Mas disse coisa diferente: — Pois é. Se der certo, já sabe. Eu estou na casa de Sinhá do Ouro” (SALES, 2011, p. 82).

PERDER-SE – v. Perder a virgindade antes do casamento.

“— Eu ainda conheci uma filha dele fazendo vida na Rua das Barricas — declarou Zé do Fumo. — Era Elvirinha — explicou a velha Do Ouro. — A que tocava piano. As outras também **se perderam**, mas

foram pra Feira de Santana com d. Almira — esclareceu. — Não quiseram se passar pra garimpeiro” (SALES, 2011, p. 85).

TOCAR GLORIOSA – loc. verb. Masturbar-se.

“— Em cima da serra você não conhece ele. Vive que nem um bicho, trabalhando dia e noite, sem respeitar domingo nem dia santo, só pra fazer figura em Andaraí. Mania besta, mania de ser rico — comentou. — Mas de que adianta isso? De que adianta ele passar uma semana com Helena, com Cleonice, ou com qualquer outra mulher de prateleira-de-cima, se depois ele vai ficar dois ou três meses **tocando gloriosa** em cima da serra? De que adianta? Se ele não aguenta a tese, pra que essa besteira de querer passar pelo que não é? Filó é que tem razão — observou, — Bem ele disse que Pedro Almofadinha devia procurar sua baixa posição e se colocar” (SALES, 2011, p. 97).

TREPAR – v. Fazer sexo; copular.

“— Um bambúrrio muito mal empregado — comentou Filó. — Pra que é que Zé Cláudio quer dinheiro mesmo? Não bebe... não **trepa**... — Será que ele é bicho-de-blusa mesmo? — duvidou Joaquim Boca-de-Virgem. — Se a gente fosse botar gongolo em xibungo — disse Filó, confirmando a seu modo a acusação — ele e o tabelião Romualdo não deixavam mais ninguém dormir em Andaraí. E cuspiu de lado” (SALES, 2011, p. 220).

Listagem das lexias constantes no macrocampo do corpo e da sexualidade e seus microcampos.

MACROCAMPO	MICROCAMPOS E LEXIAS	Total de lexias
Da sexualidade e do corpo	<p>Das partes do corpo: bosta, bunda, mijar, rabo de juízo, toba.</p> <p>Dos órgãos sexuais: bico de candeeiro, Joaquim-madrugada, pé-de-tabaqueira, quimbas.</p> <p>Das doenças sexuais: doença de rua.</p> <p>Das relações íntimas afetivas: descabaçar, descarregar o corpo, perder-se, tocar gloriosa, trepar.</p>	15

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro.

Agora veremos em como essas lexias são dicionarizadas nas obras lexicográficas em três períodos da história de suas publicações.

Dicionarização dos itens lexicais que referenciam as mulheres na obra *Cascalho* (2011).

Lexias	Morais Silva (1889)	Figueiredo (1913)	Houaiss (2009)
bico de candeeiro			Regionalismo: Bahia. Uso: informal. m.q. <i>fimose</i> .
bosta	S. f. O excremento de animais, como boi, cavalo; mas propriamente do boi.	f. Excremento do gado vacum. (Or. incerta).	Derivação: por extensão de sentido. Uso: tabuísmo. matérias fecais; excremento.
bunda	S. f. (t. do Brasil:) Nádegas.	adj. f. Diz-se de uma língua africana, falada pelos indígenas de Angola. F. Bras. Nádegas grandes. * M. pl. Uma das tribus dos bantos de Angola. * Bras. de San-Paulo. O mesmo que nádegas.	substantivo feminino: 1 região glútea; as nádegas. 2 Derivação: por extensão de sentido. Uso: informal. conjunto das nádegas e do ânus.
descabaçar		v. t. Bras. do N. Tirar a virgindade a. (Cp. cabaço).	Verbo Regionalismo: Brasil. Uso: tabuísmo. transitivo direto tirar a virgindade de.
descarregar o corpo			
doença de rua			
Joaquim-madrugada			
mijar	v. at. lançar urina da uretra, urinar» <i>Cafitãbeda</i> L. 5. r. 18.	v. t. Pleb. Expellir pela uretra ou pela vagina: mijar sangue. Fig. Tratar com desprezo. *Prov. Burl. Mijar ossos, parir. V. i. Urinar. V. p. Urinar involuntariamente. Molhar-se com urina. Fig. Têr medo. (Do lat. mingere).	m.q. <i>urinar</i> .
pé-de-tabaqueira			
perder-se			
quimbas			
rabo de juízo			
toba			substantivo masculino Regionalismo: Norte do Brasil, Nordeste do Brasil. Uso: informal. o ânus.
tocar gloriosa			

tregar			transitivo indireto e intransitivo Derivação: sentido figurado. Regionalismo: Brasil. Uso: informal. fazer sexo (com).
--------	--	--	--

Elaboração: Antonio Marcos de Almeida Ribeiro.

Os tabus, no caso os que estamos analisando, advêm da vida social relacionada aos falares das pessoas da comunidade das lavras diamantinas. Assim, as lexias de pudor e decência são substituídas por disfemismos e eufemismos com a motivação de utilizarem palavras advindas da artesanaria lexical, por criação e circulação na comunidade. No grupo de garimpeiros, em que circulam esses vocábulos, há referências à visão de mundo deles, e de como se comunicam quando o assunto são as relações íntimas. As representações de cada lexia indicam um constructo sociocultural, oriundas das várias facetas da vida rural. Ao observar “bico de candeeiro, pé-de-tabaqueira, rabo de juízo e tregar”, são elaborações retiradas do mundo rústico rural de raízes interioranas.

Outro ponto são as partes em que não há dicionarização das lexias, as obras consultadas em nenhum momento histórico apontam para a significação desses vocábulos, o que demonstra que não alcançaram certa popularidade para se fazerem conhecidos nos dicionários. O que implica que são lexias restritas a uma região pertencente a um grupo de pessoas. Esse apagamento demonstra a criatividade local em conceber expressividade à língua. Portanto, esse pequeno somatório de lexias aqui apresentado reforça que o léxico é revelador da realidade social, produto dos códigos e convenções simbólicas de uma comunidade.

A lexia “bosta”, por exemplo, está dicionarizada em todas as épocas ocorrendo uma mudança semântica de seu sentido em primeira instância definida como “excremento de animal”, até chegar a referenciar matérias fecais humanas. É uma substituição por fezes, na condição de evitar esse termo por suscitar a relação imediata indesejável. Para evitar essa lembrança incômoda faz uso do disfemismo “bosta” afastando a lexia “fezes”, que suscita asco ao pronunciá-la. Ressaltamos que dentro do conjunto de lexias catalogadas “bosta” e “mijar”, estão na categoria de partes do corpo por perfazerem os fluidos corporais, portanto, associados à corporeidade.

Com isso, as lexias apresentadas, pelo uso constante e circulação das classes populares são estigmatizadas como expressões descorteses, indecentes, tomadas como tabu. Pois, não são as “politicamente corretas”, de pudor e decência. Um fator explicativo está na diminuição da carga semântica, os vocábulos evocam uma série de associações, exemplificando “doença de rua”, que se trata da gonorreia. A lexia não trata apenas da doença, mas as circunstâncias em como se contrai essa

enfermidade. Ela é possuidora de uma carga semântica associada a julgamentos, opinião pública e depreciação. A utilização do eufemismo “doença de rua” está na tentativa de evitar as associações com o vocábulo médico para gonorreia, que o tornaria mais “pesado”, nesse caso.

Outra explicação que abona boa parte das lexias, está no fenômeno de dialetismo, em que ocorre substituição lexical que modifica o termo original por um local. Como aponta Guérios (1979), evita-se o termo científico rebuscado para uma lexia popular criada a partir da artesanaria lexical do povo. Para a comunidade é acessível e culturalmente admitidas naquele grupo como neutras (com carga semântica diminuída) e despojadas de erudição. Nos tabuísmos morais, o eufemismo substitui a lexia “politicamente correta”, mas tanto o termo tido como científico e moralmente aceito, ambos sofrem o mesmo processo de tabuização, tomando para si os estigmas e tabus alocados em relação à sexualidade por motivos já mencionados no início do artigo.

Considerações finais

Poderíamos explanar mais sobre a temática, abordando outros aspectos, sobretudo na discussão dos dicionários, com a invisibilidade de algumas lexias, ou tentar rastrear as motivações e surgimento desses vocábulos, mas por questão de espaço e limitação estabelecidos, colocamos o trabalho como análise e reflexão introdutória. Conforme discutido, os tabus linguísticos são um prolongamento de crenças de explicação sócio antropológica e até mesmo psicanalítica, em nosso caso os tabus que envolvem a sexualidade e que recaem nas lexias de cunho sexual. Esses tabus linguísticos remetem a visões da cosmogonia de matriz sociocultural da comunidade em estudo. São crenças cristalizadas construídas historicamente referentes à vida comunitária que abordam questões de pudor ditadas por normas sociais.

Com isso, conhecemos a sexualidade da região por meio da linguagem de indivíduos, pelas lexias tabus. As proibições vocabulares recaem em lexias por moralidade e questão de decência, mas para amenizar a carga semântica, por exemplo, em “ânus”, cria-se outra considerada pela comunidade menos “carregada” semanticamente, por disfemismo, listada em nosso quadro como “toba”. Assim, os mecanismos linguísticos são bastante variados e mostram a riqueza da língua. Expressa os diferentes recursos da língua com possibilidades de novos vocábulos, o que contribui para a renovação da linguagem e a ampla gama de variações linguísticas observadas por todo um país.

Estudar o vocabulário tabu de viés linguístico do romance *Cascalho* (2011), atravessado por ponderação sócio antropológica, psicanalítica e cultural, é constatar uma historicidade linguística da trajetória dos garimpeiros da Chapada Diamantina, que deixa transparecer por seu léxico seus valores, crenças, hábitos e costumes. A riqueza lexical de tradições conservadoras encontradas na região, por

meio da obra literária, pode suscitar outros estudos de cunho Lexicológico e Lexicográfico dado à profusão do conhecimento lexical dessa parte da Bahia.

Referências bibliográficas

- ABREU, Sílvio Fróes. **A riqueza mineral do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.
- BALDINGER, Kurt. Língua e cultura. Tradução de Ataliba de Castilho. **Alfa**, Marília, n. 9, p. 37-56, mar. 1966.
- BARROS, Lidia Almeida. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 1998. p. 11-20.
- BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- CERQUEIRA, Dorine. **O romance do século XX na Bahia** (De 1901 a 2000). Salvador: Empresa Gráfica da Bahia (EGBA), 2018.
- COSERIU, Eugenio. **Principios de semántica estructural**. 2. ed. Vers. esp. Marcos Martinez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1977.
- FIGUEIREDO, Cândido. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1913.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. Guilhaon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FREUD, Sigmund. **Totem e tabu: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2013.
- GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. **Tabus linguísticos**. São Paulo: Nacional, 1979.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD. Versão 3.0 [CD-ROM].
- MORAES SILVA, Antônio de. **Diccionario da lingua portugueza**. Rio de Janeiro: Editora Empreza Litteraria Fluminense, 1890.
- PRETI, Dino. **A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.
- RIBEIRO, Antonio Marcos de Almeida. **Diamantes lexicais: garimpendo o vocabulário do romance *Cascalho* de Herberto Sales**. 2020. 200f. (Dissertação) – Mestrado em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2020.
- SALES, Herberto. **Cascalho**. São Paulo: É Realizações, 2011.

SALES, Herberto. **Garimpos da Bahia**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/SIP: 1955.

VILELA, Mário. **Ensino da língua portuguesa: Léxico, dicionário, gramática**. Coimbra: Almedina, 1995.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004.